

Renata Silva Ferreira Veiga

**“O animal como ‘outro’: uma investigação fenomenológica da
afinidade entre humanos e animais domésticos”**

Uberlândia

2026

Renata Silva Ferreira Veiga

**“O animal como "outro": uma investigação fenomenológica da
afinidade entre humanos e animais domésticos”**

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Psicologia da
Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial à obtenção do
Título de Bacharel em Psicologia.
Orientador: Dr. Tommy Akira Goto.**

Uberlândia

2026

Sumário

Resumo.....	02
Introdução.....	04
Método.....	06
1. A relação humano-animal do contexto contemporâneo.....	08
1.1 Transformações históricas da convivência com animais.....	08
1.2 A emergência da família multiespécie.....	11
1.3 A centralidade afetiva dos animais na vida cotidiana	12
2. Fenomenologia e experiência vivida: do humano ao animal.....	15
2.1 A noção de vivência (consciência empírica/transcendental).....	15
2.2 Intencionalidade e constituição de sentido.....	17
2.3 Subjetividade humana e animal.....	18
2.4 O mundo-da-vida como horizonte da convivência.....	19
3. Afetividade, vínculo e alteridade na relação humano-animal.....	20
3.1 O animal como outro significativo.....	21
3.2 A dimensão afetiva do vínculo.....	22
3.3 Cuidado e reciprocidade na experiência vivida.....	23
Considerações finais.....	25
Referências.....	27

Resumo: O presente artigo analisa, a partir da abordagem fenomenológica, a relação de afinidade entre os humanos e os animais domésticos, partindo de uma análise do animal como um “outro” dotado de sentido e de alteridade própria. Inicialmente, contextualiza-se a conexão da oriunda da vivência entre humanos e animais domésticos, perpassando suas transformações históricas, desde a relação utilitária e de domesticação à emergência da família multiespécie e discutindo a centralidade afetiva que os animais domésticos ocupam na vida cotidiana atual. Em seguida, recorre-se à fenomenologia husserliana para examinar a experiência vivida (*Erlebnis*) na relação entre o humano e o animal, articulando a noção de vivência à distinção entre consciência empírica e transcendental, à intencionalidade como constituição de sentido, à subjetividade humana e animal e ao mundo-da-vida (*Lebenswelt*) como horizonte compartilhado dessa convivência. Por fim, analisar-se-á a dimensão afetiva do vínculo entre as espécies sob a perspectiva da alteridade, compreendendo o animal como outro significativo e investigando como o cuidado e a reciprocidade se constituem como elementos estruturantes da experiência vivida nessa relação. Conclui-se que a fenomenologia oferece um referencial teórico fecundo para compreender a afinidade humano-animal não como projeção ou antropomorfização, mas como uma forma legítima de intersubjetividade fundada na vivência compartilhada do mundo.

Palavras-chave: Fenomenologia; Relação humano-animal e Afinidade

Abstract: This article analyzes, from the phenomenological approach, the affinity relationship between humans and domestic animals, starting from an analysis of the animal as an "other" endowed with meaning and its own otherness. Initially, the connection between humans and domestic animals is contextualized through their historical transformations, from the utilitarian and domestication relationship to the emergence of the multispecies family and discussing the affective centrality that domestic animals occupy in current everyday life. Then, we use the Husserlian phenomenology to examine the lived experience (*Erlebnis*) in the relationship between human and animal, articulating the notion of experience to the distinction between empirical and transcendental consciousness, intentionality as a constitution of meaning, to the human and animal subjectivity and to the world-of-life (*Lebenswelt*) as a shared horizon of this coexistence. Finally, the affective dimension of the bond between species will be analyzed from the perspective of otherness, understanding the animal as another significant and investigating how care and reciprocity constitute as structuring elements of the experience lived in this relationship. It is concluded that phenomenology offers a fruitful theoretical framework for

understanding human-animal affinity not as projection or anthropomorphisation, but as a legitimate form of intersubjectivity founded on the shared experience of the world.

Keywords: Phenomenology; Human-animal relationship and affinity

Résumé: Le présent article analyse, à partir de l'approche phénoménologique, la relation d'affinité entre les humains et les animaux domestiques, en partant d'une analyse de l'animal comme un « autre » doté de sens et d'altérité propre. Dans un premier temps, on contextualise la connexion de l'origine de la vie entre les humains et les animaux domestiques, en passant par leurs transformations historiques, de la relation utilitaire et de domestication à l'émergence de la famille multiespèces et en discutant de la centralité affective que les animaux domestiques occupent dans la vie quotidienne actuelle. Ensuite, on recourt à la phénoménologie husserlienne pour examiner l'expérience vécue (*Erlebnis*) dans la relation entre l'humain et l'animal, en articulant la notion de vécu à la distinction entre conscience empirique et transcendante, à l'intentionnalité comme constitution de sens, à la subjectivité humaine et animale et au monde de la vie (*Lebenswelt*) comme horizon partagé de cette cohabitation. Enfin, on analysera la dimension affective du lien entre les espèces dans la perspective de l'altérité, en comprenant l'animal comme un autre significatif et en étudiant comment le soin et la réciprocité constituent des éléments structurants de l'expérience vécue dans cette relation. On en conclut que la phénoménologie offre un référentiel théorique fécond pour comprendre l'affinité humain-animal non pas comme projection ou anthropomorphisation, mais comme une forme légitime d'intersubjectivité fondée sur le vécu partagé du monde.

Mots- clés: Phénoménologie; Relation homme-animal et affinité

Introdução

Ao longo da história, a relação entre humanos e animais domésticos vem assumindo diferentes configurações, acompanhando as transformações sociais, culturais e afetivas das sociedades (Barbosa & Boff, 2023; Manguiera, 2020). Essa trajetória histórica levanta questões sobre como a experiência da afinidade entre espécies se reconfigurou ao longo do tempo, evidenciando um processo histórico e cultural que, conforme se pretende demonstrar, ainda não foi suficientemente explorado pela Psicologia em sua dimensão experiência vivida.

Nas últimas décadas, observa-se uma reconfiguração significativa nos arranjos familiares contemporâneos, marcada pela emergência do que autores como Donna Haraway (2003) denominam “espécies companheiras” (*companion species*), expressão que designa configurações relacionais nas quais animais domésticos deixam de ocupar uma posição meramente utilitária ou decorativa para integrar o núcleo afetivo e existencial das famílias humanas. Esse fenômeno não se restringe a uma mudança de hábitos de consumo ou de convivência doméstica; antes, revela uma transformação mais profunda na maneira como os seres humanos experienciam e atribuem sentido às suas relações com outras espécies.

A relevância psicológica desse fenômeno reside justamente na centralidade que a dimensão afetiva assume nessas relações. Os animais domésticos são cada vez mais nomeados, cuidados e vivenciados como filhos, companheiros ou membros plenos da família, o que evidencia uma transformação nas formas de constituição dos vínculos afetivos e convoca a Psicologia a repensar categorias tradicionais, como vínculo, intersubjetividade e alteridade, historicamente reservadas às relações entre seres humanos. Essa relação, ademais, tem sido associada, na literatura especializada, a benefícios significativos de ordem física e psíquica para aqueles que a vivenciam, oferecendo subsídios importantes para as condições associadas ao sofrimento psicológico, bem como contribuindo para a promoção do bem-estar e da qualidade de vida. Essa transformação evidencia que o vínculo humano-animal ultrapassa os limites da convivência cotidiana, constituindo-se como um fenômeno psicologicamente relevante e digno de investigação científica.

Diante desse cenário, problematiza-se aqui de que modo a Psicologia, especialmente a partir da perspectiva fenomenológica, pode compreender a experiência vivida (*Erlebnis*)¹ da existência de uma afinidade ímpar entre humanos e animais domésticos, considerando que esse

¹ *Erlebnis* é entendida, na tradição fenomenológica, como a vivência tal como é imediatamente experimentada pela consciência antes de explicações teóricas ou causais.

“outro” não-humano é experienciado e constituído como um polo de sentido na experiência, podendo ser reconhecido, na consciência humana, como parceiro de convivência dotado de sentido e presença?

O tema da relação entre humanos e animais domésticos já foi amplamente investigado sob diferentes prismas disciplinares. No campo biológico, estudos como o de Gee et al. (2021) têm se dedicado a compreender os mecanismos e benefícios envolvidos no vínculo interespecie. No âmbito jurídico, discute-se cada vez mais o estatuto dos animais como sujeitos de direitos e sua condição para além da categoria de bens semoventes (Giumelli & Santos, 2016; Silva, 2012; Gordilho, 2017). Na Psicologia, sobretudo em abordagens voltadas aos benefícios terapêuticos e ao impacto emocional da convivência com animais, destacam-se investigações como a de Almeida et al. (2026), que analisam os efeitos da interação humano-animal sobre o bem-estar psicológico e emocional dos sujeitos.

Entretanto, observa-se uma lacuna significativa, pois, apesar do crescente interesse científico pelos benefícios da interação humano-animal, poucos estudos têm se dedicado a descrever a estrutura da experiência desse vínculo, mais especificamente, como ele é vivenciado em sua concretude, anteriormente a qualquer função terapêutica, social ou instrumental. A lacuna teórica reside na ausência de um referencial capaz de compreender a afinidade entre espécies como uma experiência vivida, corpórea, intersubjetiva e significativa, e não como mero apego ou reforço comportamental. Nesse contexto, a fenomenologia mostra-se particularmente fecunda nesse contexto, porque permite acessar a estrutura vivida da relação, descrevendo como humanos e animais participam de um horizonte compartilhado de sentido, sem reduzir o animal a um objeto de estudo ou o vínculo a uma variável explicativa. É nessa lacuna que se insere o objetivo desta pesquisa, quer seja, investigar, à luz da fenomenologia e de seus desdobramentos contemporâneos, como se constitui a experiência da afinidade entre humanos e animais domésticos, buscando descrever seus sentidos vividos dessa relação e compreender como o animal se constitui como "outro" no horizonte da intersubjetividade.

A justificativa deste estudo se assenta, portanto, na necessidade de ampliar a compreensão psicológica desse fenômeno para além das abordagens histórica, biológica e jurídica já consolidadas, oferecendo uma leitura que valoriza a dimensão vivida, afetiva e de sentido dessa relação, compreendida como uma experiência que se revela, ao mesmo tempo, recíproca, significativa e constitutiva da experiência cotidiana. Espera-se, desse modo,

contribuir para o desenvolvimento da Psicologia Fenomenológica e, de forma mais ampla, para os estudos sobre as relações entre humanos e animais domésticos.

Método

O percurso metodológico adotado consistiu em um estudo teórico-bibliográfico de natureza qualitativa, fundamentado no exame analítico-interpretativo de obras e artigos, procedimento que, na tradição fenomenológica, utiliza o texto como fonte de reflexão e de explicitação dos sentidos presentes nas descrições da experiência vivida, conforme proposto por Embree (2011).

O método de pesquisa adotado foi a pesquisa teórico-bibliográfica, de natureza qualitativa, orientada pela perspectiva fenomenológica, com o objetivo de compreender e discutir, a partir da literatura especializada, as vivências descritas na relação entre humanos e animais domésticos. Nesse sentido, a fenomenologia não é tomada como um método de análise dos dados, mas como um referencial teórico-metodológico que orienta a compreensão da experiência vivida e dos sentidos que nela se constituem.

A pesquisa fundamentou-se na análise interpretativa de obras e artigos disponíveis em bases de dados como Google Acadêmico, Portal de Periódicos da PUC/SP, Portal de Periódicos da CAPES e SciELO, fontes tanto digitais quanto impressas. O levantamento bibliográfico foi orientado pela pertinência das publicações ao problema de pesquisa e aos objetivos do estudo, privilegiando produções relacionadas à fenomenologia, à psicologia fenomenológica e às relações entre humanos e animais domésticos.

O procedimento seguiu a lógica de sistematização, organização e interpretação das informações coletadas, sem fins de quantificação, em consonância com a perspectiva de Lima e Miotto (2007), que caracterizam a pesquisa bibliográfica como um conjunto ordenado de procedimentos voltados à busca de soluções para um problema de pesquisa. Segundo essas autoras, a principal técnica de investigação consiste na leitura sucessiva e criteriosa do material bibliográfico, compreendendo as etapas de reconhecimento, exploratória, seletiva, reflexiva e interpretativa, até a elaboração de uma síntese integradora.

Ainda, segundo as fases propostas por Salvador (1986) e retomadas por Lima e Miotto (2007), o percurso de pesquisa desenvolveu quatro etapas sucessivas: (a) a elaboração do projeto de pesquisa, (b) a investigação das soluções (levantamento da bibliografia e das informações nela contidas), (c) a análise explicativa das soluções (exame crítico do conteúdo

das obras selecionadas) e (d) a síntese integradora, momento de reflexão final a partir do referencial teórico e dos dados obtidos.

Tal escolha metodológica articula-se à própria perspectiva fenomenológica adotada nesta pesquisa. Na fenomenologia, a pesquisa bibliográfica não é compreendida apenas como um conjunto de informações a serem catalogadas ou resumidas, mas como uma via privilegiada para a compreensão dos significados da experiência humana (vivências). Nessa direção, o texto constitui um campo de explicitação de sentidos, permitindo que a reflexão fenomenológica se volte para a descrição das estruturas da experiência tal como elas são apresentadas pelos autores analisados. Assim, o exame analítico-interpretativo de obras e artigos não buscou apenas identificar conceitos, mas em compreender como o fenômeno da relação entre humanos e animais domésticos é descrito e significado na literatura especializada, preservando a centralidade da experiência vivida (*Erlebnis*) como horizonte de investigação.

Com base nesse percurso metodológico, o desenvolvimento do estudo foi organizado em três eixos temáticos complementares, conduzidos a partir da perspectiva fenomenológica. O primeiro, intitulado “A relação humano-animal no contexto contemporâneo”, dedica-se a apresentar o fenômeno do vínculo afetivo entre humanos e animais domésticos tal como se manifesta na atualidade, abordando as transformações históricas da convivência com animais, a emergência do conceito de família multiespécie e a centralidade afetiva que os animais passaram a ocupar na vida cotidiana. O segundo, “Fenomenologia e experiência vivida: do humano ao animal”, oferece uma introdução aos fundamentos da fenomenologia como perspectiva filosófica e metodológica de investigação da experiência, explorando a noção de vivência, a intencionalidade da consciência, a constituição de sentido, a problemática da subjetividade humana e animal e o mundo-da-vida como horizonte originário da convivência.

E, por fim, o terceiro, “Afetividade, vínculo e alteridade na relação humano-animal”, investiga como o animal se torna significativo para o sujeito na experiência concreta, analisando o animal como outro significativo, a dimensão afetiva do vínculo, e as práticas de cuidado e reciprocidade que emergem na relação vivida. Essa organização temática busca responder ao problema de pesquisa ao articular o percurso histórico do fenômeno, sua fundamentação fenomenológica e a compreensão psicológica da experiência vivida. Por derradeiro, apresentam-se as considerações finais.

Durante a elaboração deste trabalho, foi utilizada a ferramenta de inteligência artificial ChatGPT (OpenAI) exclusivamente como recurso de apoio à revisão textual, incluindo sugestões de aprimoramento gramatical, ortográfico, sintático e de clareza na redação. A

utilização da ferramenta não substituiu a elaboração intelectual da autora, que permaneceu integralmente responsável pela concepção da pesquisa, pela seleção e interpretação das referências bibliográficas, pela análise dos resultados e pelas conclusões apresentadas.

1. A relação humano-animal do contexto contemporâneo.

Para iniciarmos a apresentação de nosso estudo é necessário situarmos, fenomenologicamente, a afinidade que hoje enlaça os humanos e seus animais doméstico, pois é imprescindível reconhecer que essa relação não constitui um mero dado natural nem atemporal, mas sim uma experiência enraizada em um mundo histórico, cultural e socialmente instituído. A fenomenologia nos convida a suspender as concepções naturalizadas acerca do suposto instinto de domesticação e voltar nosso olhar para a maneira como essa convivência se desenvolve no horizonte da vida cotidiana, revelando significados que foram sendo constituídos e transformados ao longo do tempo.

Portanto, é nesse sentido que o presente tópico se propõe a compreender a relação estabelecida entre os humanos e os animais domésticos tal como ela se mostra no contexto atual, investigando as condições históricas e culturais de sua constituição, bem como suas implicações afetivas e subjetivas. A premissa desse estudo consiste em compreender que a afinidade entre humanos e animais domésticos não é um vínculo fixo ou imutável, mas uma experiência historicamente constituída. Essa retomada histórica não possui apenas uma finalidade descritiva, mas sob a perspectiva fenomenológica, ela permite compreender como os sentidos atribuídos aos animais domésticos foram sendo constituídos no mundo da vida, possibilitando que a experiência contemporânea da convivência entre humanos e animais seja compreendida em seu horizonte histórico de significação.

1.1 Transformações históricas da convivência com animais.

Ao averiguarmos a presença dos animais na vida humana, constatamos que essa presença passou profundas transformações históricas, pois não foram apenas as funções práticas que os animais exerciam que se modificaram, mas, sobretudo, o lugar por eles ocupados no imaginário e na vida afetiva das pessoas. Nas sociedades agrárias, predominava uma relação marcadamente utilitária, em que os animais eram usados para caça, como os cães; no controle de pragas, como os gatos e os ratos; na alimentação, como o gado, e, ainda, no transporte, como os cavalos.

Ao longo da história, contudo, essa relação foi sendo progressivamente ressignificada, culminando, nas sociedades contemporâneas, em uma valorização crescente de sua dimensão afetiva. O animal doméstico gradualmente deixa de ser instrumento e recurso para ocupar um lugar singular no interior da família, tornando-se companheiro de convivência, destinatário de cuidado e participante da experiência cotidiana de seus tutores. Mais do que uma alteração das funções desempenhadas pelos animais, observa-se uma transformação na maneira como eles passam a ser percebidos e significados pelos seres humanos. Essa mudança evidencia uma modificação no modo como o animal se manifestou na experiência cotidiana, deixando de ser compreendido apenas por sua utilidade para tornar-se presença significativa na vida daquele que com ele convive.

A relação entre humanos e animais acompanha a história das diferentes sociedades humanas. Todavia, a sua proximidade que atualmente permite que muitos animais domésticos sejam reconhecidos como membros da família constitui um fenômeno relativamente recente. A literatura aponta os lobos asiáticos como os prováveis ancestrais dos cães domésticos e os pioneiros no processo global de domesticação animal (Diamond, 2013; Gordilho & Coutinho, 2017). Sob a perspectiva de Diamond (2013), evidências arqueológicas tradicionais situam o início dessa convivência há aproximadamente 12.000 anos, distribuído geograficamente entre a China, a América do Norte e o Sudoeste asiático. Embora esses dados contribuam para compreender a origem histórica da domesticação, eles não explicam, por si sós, os sentidos que essa relação passou a adquirir ao longo do tempo, aspecto que constitui o foco do presente estudo.

Barbosa e Boff (2023, p. 85) apontam uma mudança significativa na sensibilidade ocidental ao demonstrarem que, no início da modernidade, a família era concebida como um círculo exclusivamente humano. Nessa época, manter animais de estimação por perto, especialmente à mesa ou oferece-lhes condições melhores que aquelas destinadas aos servos, despertava desconfiança moral. Os autores descrevem que, entre os séculos XVI e XVII, agricultores ingleses, antes acostumados a uma “casa ampla”, compartilhada entre pessoas e animais, passaram gradativamente a afastar os animais do espaço doméstico, deixando-os restritos aos quintais e às áreas externas das propriedades.

Em direção semelhante, Thomas (2010) descreve como a sociedade europeia passou a questionar uma perspectiva estritamente antropocêntrica e utilitarista para uma sensibilidade gradativamente mais voltada à preservação da natureza e ao reconhecimento dos animais. Entretanto, esse processo não ocorreu de forma linear nem exclusivamente por razões morais.

O autor demonstra que a crescente urbanização reduziu a dependência direta do trabalho animal e da produção agrícola, favorecendo novas formas de convivência nas quais os animais passaram, progressivamente, a ser percebidos menos como instrumentos de trabalho e mais como companheiros da vida cotidiana. Essa transformação histórica constitui um aspecto relevante para a Psicologia, pois revela que os vínculos afetivos entre humanos e animais não decorrem exclusivamente de características biológicas ou instintivas, mas também dos significados construídos nas diferentes formas de convivência ao longo da história.

Essas transformações históricas evidenciam que o significado atribuído aos animais domésticos não permaneceu constante ao longo do tempo. Sob uma perspectiva fenomenológica, interessa menos estabelecer uma cronologia da domesticação que compreender como diferentes modos de convivência produziram diferentes modos de experienciar o animal. Assim, a experiência do “estar com” os animais foi continuamente reconfigurada pelas condições históricas, sociais e culturais de cada época.

O processo de domesticação dos animais de estimação se desenvolveu e transformou-se no decorrer do tempo, estando ele intrinsecamente relacionado com os movimentos sociais ocorridos na sociedade. Na contemporaneidade, os animais domésticos retornam à intimidade do espaço íntimo da família, nele se inserindo de modo cada vez mais profundo e permanente. Já não mais restritos ao papel de animais de companhia ou de auxílio às atividades humanas, mas passam a ocupar uma posição qualitativamente distinta no núcleo familiar, sendo reconhecidos, por muitos de seus cuidadores, como membros da família e destinatários de vínculos afetivos duradouros (Chaves, 2016).

À luz da fenomenologia, essa transformação pode ser compreendida como uma mudança na maneira pela qual o animal se manifesta à experiência humana. Em vez de aparecer predominantemente como um objeto destinado ao uso, o animal passa a ser vivenciado como uma presença dotada de significado próprio, com a qual o sujeito estabelece relações de cuidado, convivência e compartilhamento do cotidiano. Essa mudança não elimina a assimetria existente entre humanos e animais, mas revela uma profunda reconfiguração dos sentidos atribuídos a essa convivência.

Importa destacar, por fim, que essa transformação histórica não ocorreu de maneira homogênea nem universal, mas diferentes culturas, grupos sociais e contextos históricos atribuem significados distintos aos animais domésticos. Por isso, compreender fenomenologicamente essa relação significa descrevê-la tal como ela se manifesta no contexto contemporâneo, reconhecendo sua historicidade e evitando tratá-la como uma realidade natural.

É justamente essa nova forma de presença do animal na experiência cotidiana que constitui o ponto de partida para a reflexão fenomenológica desenvolvida a seguir.

1.2 A emergência da família multiespécie.

A constituição da família é realidade histórica e social em constante transformação, modificando-se ao longo do tempo em resposta às mudanças culturais, econômicas, jurídicas e afetivas das diferentes sociedades. Na atualidade, observam-se formações familiares cada vez mais plurais, como um reflexo das profundas transformações sociais, culturais, econômicas e jurídicas das últimas décadas. O modelo tradicional, nuclear e heteronormativo (pai, mãe e filhos biológicos) deixou de ser o único padrão socialmente reconhecido, dando lugar a uma multiplicidade de arranjos afetivos e de convivência.

A família contemporânea passa a ser compreendida, cada vez mais, a partir dos vínculos de afeto, cuidado e solidariedade e não exclusivamente pelos laços biológicos ou jurídicos tradicionais. Entre as diferentes configurações familiares atualmente reconhecidas destacam-se famílias monoparentais, famílias homoafetivas, famílias reconstituídas ou mosaico familiar, famílias unipessoais, famílias pluriparentais, famílias intergeracionais e, mais recentemente, famílias multiespécies (Meireles & Teixeira, 2014; Santos & Ningeliski, 2024). Dentro desse espectro de diversidade, a família multiespécie emerge como um conceito que desafia concepções tradicionais de família, parentesco e convivência. Trata-se de um arranjo familiar no qual animais domésticos passam a ser reconhecidos membros integrantes do núcleo familiar, compartilhando não apenas o espaço físico, mas também os vínculos afetivos, as rotinas práticas de cuidado e experiências cotidianas. Aqui a importância desse fenômeno não reside apenas na ampliação das configurações familiares, mas na transformação do significado atribuído ao animal doméstico na experiência vivida. Pode-se dizer que o animal deixa de aparecer apenas como propriedade ou instrumento de utilidade e passa a ser experienciado como uma presença constante no horizonte da vida cotidiana, participando das relações de cuidado, convivência e pertencimento que estruturam a experiência familiar.

Os animais domésticos foram sendo progressivamente incorporados como membros de suas famílias cuidadoras e, nessa condição, passam a assumir um lugar específico na dinâmica familiar, despertando novas responsabilidades, formas de cuidado e reconhecimento social. Todavia, é importante distinguir a atribuição de funções afetivas da equiparação jurídica ou antropológica entre humanos e animais. Cabe destacar que aqui não se sustentou a ideia que os animais domésticos sejam "filhos" de seus cuidadores, como frequentemente aparece em

discursos cotidianos (Gaedtke, 2019), embora muitas famílias atribuam aos animais uma posição semelhante à de um filho, nesta pesquisa compreende-se que eles ocupam um lugar próprio enquanto membros da família, marcado por vínculos de cuidado, afeto e convivência. Essa distinção visa preservar tanto a especificidade da condição humana quanto a singularidade do vínculo estabelecido entre humanos e animais domésticos.

Desse modo, a família multiespécie pode ser compreendida menos como uma nova categoria biológica de parentesco e mais como uma nova forma de organização da experiência familiar, na qual os vínculos afetivos e as práticas de cuidado ampliam os modos pelos quais os sujeitos constituem o sentido de pertencimento e convivência. Essa transformação revela que o conceito contemporâneo de família passa a incorporar dimensões experienciais que ultrapassam os critérios exclusivamente consanguíneos ou jurídicos, tornando-se um fenômeno privilegiado para a investigação fenomenológica da relação humano-animal.

1.3 A centralidade afetiva dos animais na vida cotidiana.

À medida que os animais domésticos passam a ocupar uma posição de centralidade afetiva na experiência humana, essa transformação também se expressa objetivamente nas práticas sociais e nos padrões de consumo relacionados ao universo *pet*. Embora o crescimento do mercado não constitua o objeto central desse estudo, ele representa um importante indicador das mudanças ocorridas na forma como os animais domésticos são percebidos e integrados ao cotidiano das famílias. Estima-se que a população pet mundial ultrapassa 1 bilhão de animais, com aproximadamente meio bilhão de cães e gatos concentrados apenas em EUA, Brasil, Europa e China, como bem demonstrou Tayade e Rawal (2025).

Nesse contexto, Haraway (2003) desenvolveu a ideia de “espécies companheiras” (*companion species*), defendendo que humanos e animais domésticos, não apenas convivem, mas se constituem reciprocamente por de interações contínuas e cotidianas. Para a autora, o encontro entre espécies realiza-se, sobretudo, nas experiências ordinárias do convívio, do toque, do cuidado e da comunicação silenciosa. Esse processo, denominado de “*becoming with*” (tornar-se com), expressa a ideia de que identidades e modos de existir são continuamente produzidos na convivência.

A partir dessas considerações, é possível interpretar, em diálogo com a fenomenologia husserliana, o conceito de mundo-da-vida (*Lebenswelt*) como um horizonte compartilhado de experiências, no qual humanos e animais domésticos constituem sentidos comuns por meio da convivência cotidiana. Marosan (2020) nos permite entender que não se trata de afirmar que o

filósofo Edmund Husserl tenha desenvolvido a noção de um "mundo-da-vida multiespécie", mas de reconhecer que autores contemporâneos, assim como Haraway, permitem ampliar a reflexão fenomenológica acerca da coexistência entre diferentes formas de vida. Nessa perspectiva, a Psicologia pode compreender que a identidade humana também se constitui nas relações ordinárias de cuidado, convivência e reciprocidade estabelecidas com os animais domésticos, revelando que a experiência cotidiana participa ativamente da constituição do sujeito.

Mangueira (2021) demonstra que a relação entre espécies companheiras, humanos e animais domésticos, impulsiona a difusão do consumo, revelando que, ao lado da intensificação dos vínculos afetivos, desenvolve-se também uma ampla cadeia de produção de bens e serviços voltados a esse universo. O mercado de alimentos e produtos voltados para os animais é um dos maiores mercados de consumo estabelecidos em nossa sociedade nos últimos tempos.

É neste contexto de intensa afetividade e mercantilização que, para fins desta parte de nosso estudo, adota-se o termo “Tutor”² para designar o indivíduo que assume a responsabilidade pelo cuidado, proteção e bem-estar do animal doméstico. A escolha dessa terminologia não se restringe ao seu emprego jurídico contemporâneo, mas procura enfatizar a dimensão ética e relacional do vínculo estabelecido entre humano e animal, caracterizado pelo cuidado cotidiano e pela responsabilidade compartilhada.

Quando a sociedade se refere ao termo “Pet”, diversamente do que por vezes se supõe, não faz referência exclusivamente à dimensão mercadológica dessa relação. Conforme Walsh (2009), o termo deriva do francês “petit”, remetendo originalmente à ideia de algo pequeno, querido e destinado à companhia, significado que evidencia sua associação histórica aos vínculos de proximidade e afeto. O crescimento desse vínculo afetivo encontra expressão também nos indicadores econômicos. O mercado *pet* no Brasil consolidou-se como o terceiro maior do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e da China. Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (ABEMPET), em parceria com o Instituto Pet Brasil, o setor movimentou aproximadamente R\$75,4 bilhões, em 2025 e R\$ 77,96 bilhões e em 2026, havendo projeções de crescimento para os anos subsequentes (Associação Brasileira das Empresas do Setor de Animais de Estimação [Abempet], 2026). Mais do que evidenciar a expansão de um segmento econômico, esses números refletem a

² Michaelis. (2025). *Tutor*. In *Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Melhoramentos. Recuperado em 13 de novembro de 2025, de <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tutor/>

crescente importância que os animais domésticos passaram a ocupar na organização da vida familiar e nas prioridades de consumo das famílias brasileiras.

A crescente presença animal ao lado dos humanos na vida cotidiana, impulsiona também outros setores econômicos. Assim, cafeterias, restaurantes, hotéis, centros comerciais e diversos estabelecimentos passaram a adaptar seus espaços para receber animais domésticos, demonstrando que a convivência entre humanos e animais ultrapassa o ambiente privado e passa a reorganizar práticas sociais e espaços públicos. Essa transformação cultural é frequentemente descrita pela literatura por meio da expressão “*pet parenting, utilizada para caracterizar relações nas quais os animais domésticos passam a ocupar um lugar semelhante ao de membros da família, recebendo elevados investimentos afetivos, materiais e temporais*” (Nangino, 2025).

Anteriormente, o mercado de produtos para animais era restrito a gatos e cães com mercadorias voltadas apenas para a alimentação e a saúde, porém esse mercado passou por uma expressiva expansão de escopo e diversificação. Conforme demonstrado pela tese de doutorado da Dra. Clécia Ivânia Rosa Satel, intitulada *Despesas familiares com pets no Brasil: evolução e determinantes* (2025) o setor registrou um crescimento substancial, acompanhado do aprimoramento e da diversificação dos produtos e serviços oferecidos, os quais passaram a abranger, entre outros, creches e adestramento. Denota-se, ainda, o fato do mercado *pet* brasileiro também ser responsável por impulsionar as exportações de insumos e produtos de origem animal, ampliando o impacto socioeconômico do setor e fortalecendo a economia nacional via expansão do varejo e da balança comercial. Essa dinâmica reflete a reconfiguração das estruturas familiares, nas quais o cuidado afetivo com os animais de estimação se consolida como prioridade, deslocando padrões tradicionais de consumo e investimento econômico-financeiro.

Embora esses dados econômicos sejam relevantes para caracterizar a amplitude do fenômeno social, eles possuem, neste estudo, uma função secundária. O seu principal interesse reside em evidenciar que a crescente centralidade afetiva dos animais domésticos repercute também nas formas de consumo, nas práticas sociais e na organização da vida cotidiana. Na perspectiva fenomenológica, entretanto, tais manifestações são compreendidas como expressões de uma transformação mais originária, ou seja, na mudança da maneira como o animal se torna presente e significativo na experiência vivida do sujeito. É essa reconfiguração do sentido da convivência que prepara a discussão, desenvolvida nos itens seguintes, acerca do animal como "outro" significativo na constituição da experiência humana.

As transformações históricas, sociais e culturais apresentadas até aqui permitem compreender o contexto em que se constitui a relação contemporânea entre humanos e animais domésticos. Todavia, a descrição dessas mudanças não é suficiente para explicar o significado dessa convivência. Torna-se necessário investigar como ela é vivida pelos sujeitos, questão que conduz à abordagem fenomenológica.

2. Fenomenologia e experiência vivida: do humano ao animal.

A investigação fenomenológica da relação entre humanos e animais domésticos exige que essa relação não seja tomada, desde início, como um fato já explicado por categorias biológicas, psicológicas, sociais ou jurídicas. Embora essas perspectivas produzam conhecimentos relevantes, a fenomenologia direciona a análise para o modo como a convivência se manifesta na experiência vivida: como o animal aparece ao humano, como sua presença é percebida e sentida, quais sentidos se constituem no decorrer da relação e de que maneira ambos passam a integrar um mundo vivido em comum.

O interesse da investigação fenomenológica não recai apenas sobre aquilo que o animal representa ou proporciona ao ser humano, mas sobre a própria experiência relacional, em sua dimensão corporal, afetiva, temporal e cotidiana. Essa orientação implica colocar entre parênteses as explicações previamente estabelecidas para descrever o fenômeno tal como ele se apresenta à experiência. A análise fenomenológica não nega as determinações objetivas, mas evita reduzir a experiência a elas. Em vez de considerar o animal exclusivamente como organismo, propriedade, recurso terapêutico ou objeto de cuidado, buscou-se compreender como ele pode ser vivido como uma presença significativamente singular, dotada de expressividade e participante da constituição de sentidos no cotidiano. Trata-se, portanto, de deslocar o foco de uma análise isolada do humano ou do animal para a correlação que se estabelece entre ambos.

2.1 A noção de vivência: consciência empírica e consciência transcendental.

A investigação fenomenológica da relação entre humanos e animais domésticos exige que a investigação se direcione para a análise do modo como a convivência se manifesta na experiência, ou seja, como o animal aparece para o ser humano, como sua presença é percebida e sentida, quais sentidos se constituem no decorrer da relação e de que maneira ambos passam a integrar um mundo vivido em comum. O interesse não recai apenas sobre aquilo que o animal representa ou proporciona ao ser humano, mas sobre a própria experiência relacional, em sua dimensão corporal, afetiva, temporal e cotidiana. Essa orientação implica colocar

provisoriamente entre parênteses as explicações previamente estabelecidas para descrever o fenômeno tal como ele se apresenta.

Na fenomenologia de Edmund Husserl, o conceito de vivência (*Erlebnis*) constitui um dos fundamentos para a compreensão da experiência humana, uma vez que toda investigação fenomenológica parte da descrição daquilo que é efetivamente vivido pelo sujeito. Seguindo nessa direção, AmatuZZi (2007) distingue dois sentidos do termo “experiência”: o conhecimento adquirido pela prática, já elaborado e convertido em saber, e a “vivência” propriamente dita, a camada mais imediata e originária da relação da pessoa com aquilo que se apresenta. Uma investigação fenomenológica não se limita ao que o sujeito afirma sobre uma situação, mas busca aproximar-se do modo como ela foi efetivamente vivida. A vivência não é um conteúdo fechado na mente, nem um estado psicológico isolado, mas é sempre vivência *de algo*, ocorrendo na correlação entre consciência e fenômeno. Sentir alegria ao encontrar um animal, preocupar-se com seu adoecimento, perceber sua aproximação ou reorganizar a rotina em razão de suas necessidades são exemplos de vivências em que sujeito, animal e situação se encontram indissociavelmente relacionados. O vivido abrange sensações, percepções, lembranças, expectativas, avaliações e disposições práticas, mesmo que não estejam plenamente tematizados pelo sujeito.

A fenomenologia husserliana desenvolveu-se como uma crítica tanto ao naturalismo objetivista quanto o psicologismo que reduz os atos de consciência a meros processos empíricos, tomando a experiência vivida (*Erlebnis*) como ponto de partida legítimo para a investigação da consciência (AmatuZZi, 2007). Para compreender os diferentes níveis dessa investigação, recorreu-se à distinção entre consciência empírica e consciência transcendental. A consciência empírica refere-se à vida psíquica do ser humano concreto, corporal e situado histórica, social e biograficamente. Desse ângulo, podem-se investigar comportamentos, emoções, hábitos e efeitos da convivência com animais. Contudo, quando tais ocorrências são tratadas apenas como fatos psicofísicos, permanece sem esclarecimento como elas se constituem como experiências dotadas de sentido (Goto, 2008). A consciência transcendental não é uma segunda consciência separada da empírica, mas expressa uma mudança de atitude investigativa: da *epoché*, primeiro momento da redução fenomenológica, suspende-se a atitude natural que toma o mundo como dado, e passa-se a interrogar os modos pelos quais os fenômenos aparecem e adquirem sentido para a consciência. A investigação transcendental dirige-se à correlação entre subjetividade e mundo, buscando explicitar as estruturas que tornam possível toda experiência de algo (Goto, 2008; Husserl, 2008). Essa mudança de atitude investigativa é descrita por Husserl (2008) como necessário à superação da crise das ciências

européias, que, ao objetivarem a experiência, perderam contato com o mundo-da-vida (*Lebenswelt*) que as fundamenta.

A aplicação dessa distinção ao tema da convivência com animais domésticos pode ser assim ilustrada: no plano empírico, constata-se que uma pessoa convive com determinado animal, dirige-lhe cuidados e relata afeto; no plano transcendental, pergunta-se como esse animal passa a constituir-se para ela como alguém familiar, de que modo sua presença se diferencia de outros objetos, como seus gestos são percebidos como expressivos e como as interações repetidas sedimentam sentidos de confiança, proximidade ou pertencimento. O interesse fenomenológico não é negar o fato empírico, mas esclarecer as condições da experiência pelas quais ele se torna significativo.

2.2 Intencionalidade e constituição de sentido.

A intencionalidade constitui, para Husserl, a estrutura fundamental de toda consciência: toda consciência é sempre consciência-de-algo, dirigida a um objeto que se lhe apresenta e que, na experiência, é constituído como portador de sentido. Goto (2008) enfatiza que essa estrutura correlativa entre *noesis* (o ato de visar) e *noema* (aquilo que é visado enquanto sentido) rompe com o dualismo sujeito-objeto herdado da tradição cartesiana, propondo em seu lugar uma correlação entre consciência e mundo, na qual o sentido se constitui na própria experiência.

Embree (2011) descreve a análise reflexiva como o método pelo qual a fenomenologia examina os próprios atos intencionais. Por meio dela, é possível identificar como diferentes modos de doação (como a percepção, a lembrança, a imaginação e a empatia) constituem camadas distintas de sentido acerca de um mesmo objeto. Essa multiplicidade de modos intencionais torna-se particularmente relevante quando se investiga a intencionalidade dirigida ao animal. Com efeito, o modo como um animal de estimação se apresenta à consciência de seu tutor não se reduz à percepção de um corpo em movimento: envolve também camadas de sentido afetivo, expressivo e relacional, constituídas ao longo da convivência.

Bastos e Borba (2018), em seu estudo fenomenológico sobre os vínculos entre humano e animal, mostram que essa constituição de sentido não ocorre em um ato isolado, mas se sedimenta ao longo da convivência. Cada novo ato intencional dirigido ao animal, como perceber seu comportamento, antecipar sua reação ou interpretar sua expressão, propicia a reatualização e o enriquecimento das camadas de sentido já constituídas em experiências anteriores. É por meio dessa sedimentação intencional, e não por um conhecimento objetivo do animal enquanto espécie, que o vínculo humano-animal adquire sua espessura própria de significação.

Desse modo, a relação entre humanos e animais domésticos deixa de ser compreendida apenas como uma interação entre organismos distintos e passa a ser entendida como um campo de constituição de sentidos, no qual a experiência compartilhada possibilita o surgimento de vínculos afetivos, formas de reconhecimento e modos particulares de convivência.

2.3 Subjetividade humana e animal.

A questão de saber se e como o animal pode ser compreendido como sujeito de experiência e não apenas como objeto de observação comportamental, atravessa parte importante da tradição fenomenológica inaugurada por Husserl. Marosan (2020) reconstitui o modo pelo qual Husserl, em textos tardios, admite graus de subjetividade e de vida intencional nos animais, sem, contudo, equipará-los à plena subjetividade transcendental humana constituída pela linguagem, pela historicidade e pela intersubjetividade comunitária. Trata-se, antes, de uma subjetividade análoga, acessível pela via da empatia (*Einfühlung*), que permite ao humano apreender o animal não como mecanismo, mas como centro de vivência própria, ainda que estranha e parcialmente inacessível.

Osswald (2012) aprofunda essa discussão ao examinar a relação entre humanidade e animalidade na fenomenologia husserliana. Segundo o autor, a subjetividade humana não deve ser compreendida como uma realidade puramente racional ou linguística, mas radica-se já na vida corporal, pulsional e afetiva compartilhada entre humanos e animais, por meio do qual o sujeito percebe, sente, movimenta-se e se relaciona com o mundo. Isso não significa eliminar as diferenças entre a subjetividade humana e a animal, mas reconhecer que ambas participam de uma mesma estrutura fundamental da experiência, ou seja, a abertura sensível ao mundo e a capacidade de estabelecer relações significativas com aquilo que se apresenta. A especificidade da subjetividade humana emerge posteriormente, por meio da linguagem, da reflexão, da historicidade e da vida comunitária, sem romper, contudo, com esse fundamento corporal originário. Assim, a questão deixa de ser uma hierarquia entre subjetividades plenas e subjetividades diminuídas para uma investigação dos diferentes modos de doação da vida animal à experiência humana.

Giumelli e Santos (2016), em pesquisa fenomenológica sobre a convivência com animais de estimação, oferecem uma importante ilustração empírica a essa discussão. Os relatos de convivência analisados pelas autoras revelam que os tutores não apreendem seus animais como organismos a serem decodificados, mas como centros de iniciativa e de resposta, sujeitos, ainda que de um modo próprio, cuja presença reorganiza o cotidiano e a afetividade de quem com eles convive. Esse dado empírico corrobora, no plano da experiência vivida, o que Osswald

(2012) sustenta no plano teórico: a subjetividade animal não é uma hipótese metafísica abstrata, mas algo que se manifesta na própria textura da convivência, na medida em que o animal é reconhecido como um outro dotado de expressividade, capaz de suscitar respostas afetivas, práticas de cuidado e formas de comunicação que se constituem na relação cotidiana.

Assim, entende-se que a fenomenologia não procura decidir abstratamente se o animal possui ou não uma subjetividade equivalente à humana. Diferentemente, o seu interesse dirige-se antes à maneira como essa subjetividade se manifesta na experiência da convivência, permitindo que o animal seja reconhecido como um “outro” significativo no horizonte do mundo vivido.

2.4 O mundo-da-vida como horizonte da convivência.

Quando nos voltamos para a afinidade vivida entre humanos e animais domésticos, somos conduzidos ao conceito fenomenológico de mundo-da-vida (*Lebenswelt*). Para Husserl (2008), o mundo-da-vida corresponde ao horizonte originário da experiência, anterior às explicações científicas e às teorizações abstratas. É nesse mundo cotidiano, tecido pelas experiências sensíveis, afetivas e pelas relações compartilhadas, que a convivência entre humanos e animais se constitui como uma experiência dotada de sentido.

Como observa Amatuzzi (2007), aquilo que mobiliza a pessoa é a experiência vivida e não as ideias abstratas construídas posteriormente sobre ela. A vivência (*Erlebnis*) não corresponde a um fato psicológico interno e isolado, mas à maneira como o sujeito se encontra em relação com aquilo que lhe aparece na experiência. Vivenciar significa participar diretamente desse encontro antes que ele seja submetido a explicações conceituais ou interpretações teóricas.

O conhecimento teórico certamente amplia a compreensão do mundo, entretanto, é na experiência vivida que os significados se originam e se sedimentam. As vivências constituem, gradualmente, um saber incorporado ao modo como o sujeito percebe, compreende e se relaciona com aquilo que o cerca. O mundo-da-vida (*Lebenswelt*) constitui o horizonte pré-dado no qual todas as nossas vivências se inscrevem e ganham sentido, sendo o solo originário de significação a partir do qual toda experiência, inclusive aquela partilhada com os animais, se torna possível, antecedendo qualquer explicação científica ou elaboração conceitual sobre essa convivência.

Pode-se tomar como exemplo o olhar de um cão que aguarda o retorno de seu cuidador. Fenomenologicamente, esse olhar não é vivido apenas como expressão de uma necessidade biológica ou de um comportamento condicionado. Na experiência cotidiana, ele pode ser

compreendido como manifestação de expectativa, reconhecimento e familiaridade, elementos que participam da constituição do vínculo entre humano e animal e conferem significado às relações estabelecidas no interior do lar.

Para Husserl (2008), o mundo-da-vida não corresponde ao mundo privado de cada indivíduo, mas ao horizonte comum no qual os sujeitos compartilham experiências e constituem significados. É justamente esse caráter intersubjetivo que possibilita compreender como a convivência entre humanos e animais domésticos se estabiliza em hábitos, rotinas, práticas de cuidado e formas de reconhecimento mútuo que passam a integrar a vida cotidiana. Nesse horizonte compartilhado, a afinidade entre humanos e animais deixa de ser apenas um conceito abstrato para manifestar-se como uma experiência concreta, vivida, sentida e compartilhada. O vínculo entre espécies revela-se, assim, nas práticas cotidianas de cuidado, proximidade, comunicação e afeto, permitindo compreendê-lo como uma realidade vivida antes de ser objeto de explicação científica ou de reflexão teórica.

3. Afetividade, vínculo e alteridade na relação humano-animal

O vínculo entre humanos e animais domésticos não pode ser compreendido apenas por sua duração, proximidade física ou utilidade, pois se constitui no próprio curso da experiência vivida, à medida que o animal passa a ser reconhecido como uma presença singular, dotada de significado e afetivamente relevante para o sujeito. Esse contato com os animais domésticos propicia aproximações, expectativas, responsabilidades e formas de comunicação que se desenvolvem no cotidiano, fazendo com que o animal seja progressivamente integrado ao horizonte de relações e de sentidos que compõem o mundo-da-vida do humano.

Na perspectiva fenomenológica, essa relação não se reduz à coexistência entre duas espécies, mas constitui um modo específico de encontro, no qual sentidos são continuamente produzidos e transformados na convivência. O vínculo emerge na medida em que as experiências compartilhadas sedimentam formas de reconhecimento, confiança, cuidado e responsividade, conferindo à presença do animal um lugar próprio na vida cotidiana.

Eis que a Fenomenologia contribui para essa compreensão ao investigar como o outro se manifesta à consciência e como, por meio da experiência empática (*Einfühlung*), sua alteridade é reconhecida sem ser reduzida à do próprio sujeito. Assim, o vínculo não depende da eliminação das diferenças entre as espécies, mas da possibilidade de estabelecer uma relação na qual a presença do animal seja reconhecida como um outro dotado de expressividade e significado, para além de sua função. Afetividade, cuidado e responsividade constituem, portanto, dimensões centrais desse encontro, pois é por meio delas que a convivência deixa de

ser apenas um fato objetivo e passa a configurar uma experiência intersubjetiva de constituição de sentido.

3.1 O animal como outro significativo.

Quando pensamos no animal como outro significativo retomamos as lições de Haraway (2003) que propõe o conceito de *significant otherness* (alteridade significativa), por meio do qual procura compreender as relações entre humanos e animais para além das perspectivas utilitaristas ou antropocêntricas. Nessa perspectiva, o animal não é compreendido como extensão do humano, tampouco como puro objeto de projeção afetiva, mas como um outro genuíno, com quem se estabelece uma relação de co-constituição, expressa pela autora na noção de “espécies companheiras” (*companion species*). Manguiera (2021), ao resenhar a obra posterior de Haraway sobre esse mesmo tema, destaca que essa alteridade não elimina a diferença entre humano e animal; ao contrário, preserva como condição para que o encontro entre ambos seja de fato um encontro e não uma anexação do animal ao universo simbólico humano.

Embora Haraway desenvolva essa discussão em um campo distinto da fenomenologia husserliana, sua concepção de alteridade significativa aproxima-se da preocupação fenomenológica em compreender o outro como presença que nunca se reduz completamente às interpretações do sujeito. Em ambos os casos, o encontro pressupõe o reconhecimento de uma alteridade que conserva sua própria singularidade e resiste à completa objetivação. Essa noção de outro significativo dialoga diretamente com a fenomenologia da intersubjetividade na perspectiva husserliana, pois o outro nunca é dado como objeto entre objetos, mas como um centro de vivências que se manifesta indiretamente por meio de seu corpo, de seus gestos e de sua expressividade, sendo reconhecido pela experiência empática (*Einfühlung*). De modo análogo, o animal se apresenta como um centro de vivência próprio, cuja alteridade resiste à completa apropriação pelo olhar humano. Essa estrutura já se anunciava na análise da intencionalidade citado por Goto (2008), para quem a correlação entre *noesis* e *noema* implica que todo objeto intencional, inclusive o outro vivo, se constitui como pólo de sentido irreduzível ao ato que o visa. Assim, o animal não se reduz a um simples objeto da consciência, mas manifesta-se como uma presença dotada de expressividade e significado na experiência vivida.

Osswald (2012) aprofunda essa compreensão ao situar a animalidade no interior do próprio sujeito humano. Em sua leitura da fenomenologia husserliana, a diferença entre humanos e animais não deve ser compreendida a partir de uma ruptura absoluta entre natureza

e espírito, como frequentemente ocorreu na tradição filosófica moderna. Ao contrário, como afirma Osswald (2012), Husserl reconhece que a subjetividade humana encontra suas raízes na própria vida sensível e corporal (*Leib*), de modo que a racionalidade, a linguagem e a reflexão representam desdobramentos de uma forma de vida já originariamente encarnada. A corporeidade deixa, assim, de ser um simples suporte biológico para tornar-se o modo pelo qual o sujeito se encontra aberto ao mundo, percebe, sente, movimenta-se e estabelece relações com outros seres vivos.

Ainda, segundo essa perspectiva, a animalidade não corresponde a um aspecto inferior que o ser humano precisaria superar, mas constitui uma dimensão originária de sua própria existência. Humanos e animais compartilham uma inserção comum no mundo-da-vida, caracterizada pela sensibilidade, pela afetividade, pelo movimento e pela capacidade de responder ao ambiente e aos outros seres. Evidentemente, essa proximidade não elimina as diferenças próprias da existência humana, marcada pela linguagem, pela historicidade, pela cultura e pela reflexão transcendental. Entretanto, permite compreender que tais diferenças se desenvolvem sobre um fundamento corporal e afetivo comum, e não sobre uma separação ontológica absoluta entre humanidade e animalidade (Osswald, 2012).

É justamente por esse motivo que o animal pode manifestar-se, na experiência vivida, como um outro significativo. A afinidade entre humanos e animais não decorre da projeção de características humanas sobre o animal, mas do reconhecimento de que ambos compartilham um mesmo horizonte originário de vida sensível, ainda que cada espécie o realize segundo formas próprias de existência. Assim, o animal apresenta um modo próprio de subjetividade, acessível na convivência e reconhecido na experiência cotidiana, preservando, contudo, a singularidade que caracteriza cada forma de vida.

3.2 A dimensão afetiva do vínculo.

A literatura recente sobre famílias multiespécies converge em reconhecer o afeto como elemento estruturante da relação entre humanos e animais domésticos. Barbosa e Boff (2023) demonstram que a predominância do afeto nas relações reconfigura a própria noção de família, na medida em que o animal passa a ocupar um lugar de pertencimento afetivo comparável ao de outros membros do núcleo familiar. Gaedtke (2019) complementa essa leitura ao investigar como o afeto e o cuidado dirigidos a animais de estimação não se reduzem à satisfação de necessidades básicas do animal, mas constituem uma experiência relacional marcada pela reciprocidade, pela convivência cotidiana e pela construção compartilhada de sentidos.

Nesse sentido, a afetividade não corresponde apenas a um estado emocional interno do sujeito, mas constitui um modo originário de abertura ao mundo e aos outros. Os vínculos afetivos não são acrescentados posteriormente à relação, mas se constituem no próprio encontro vivido, à medida que as experiências compartilhadas sedimentam formas de reconhecimento, confiança, cuidado e pertencimento. Assim, a convivência cotidiana com o animal permite que sua presença seja progressivamente integrada ao horizonte de sentido do sujeito, tornando-se parte de seu mundo-da-vida.

Do ponto de vista biopsicossocial, Gee, Rodriguez e Trammell (2021) reúnem evidências de que o vínculo com animais, particularmente cães, produz efeitos regulatórios sobre o bem-estar humano, sustentando empiricamente aquilo que a fenomenologia já apontava estruturalmente: o vínculo afetivo com o animal não é unilateral, mas atravessa e modifica a própria experiência vivida do humano. Walsh (2009), por sua vez, ao discutir a significância relacional dos animais de companhia, argumenta que esses vínculos cumprem funções análogas às de relações humanas significativas, como o estabelecimento de relações de apego, a regulação emocional e a manutenção de um sentimento de continuidade da própria história de vida, sem que isso implique equiparação simples entre as duas formas de relação.

Isso significa que o afeto não pode ser compreendido apenas pelos benefícios psicológicos que produz, embora estes sejam relevantes. Fenomenologicamente, a afetividade não constitui um elemento secundário da experiência, mas integra a maneira pela qual o mundo se revela ao sujeito, orientando sua percepção, suas escolhas e suas relações com os outros. Então, a afetividade representa uma dimensão constitutiva da experiência, que o outro se torna significativo, passa a ocupar um lugar na existência do sujeito e participa da constituição de seu mundo vivido. Assim, mais do que explicar os efeitos da convivência, interessa compreender como essa convivência adquire sentido para aqueles que a vivenciam.

3.3 Cuidado e reciprocidade na experiência vivida.

O cuidado, nessa perspectiva, não se restringe a um conjunto de práticas unilaterais de provisão — como alimentação, abrigo ou atenção veterinária —, mas configura-se como experiência relacional, vivida na reciprocidade entre humanos e animais domésticos. Santos e Ningeliski (2024) argumentam que a família multiespécie somente se constitui como tal quando o cuidado dirigido ao animal é acompanhado do reconhecimento de que este também participa ativamente da relação, afetando o cotidiano, mobilizando respostas emocionais e suscitando diferentes formas de interação. Desse modo, a reciprocidade não elimina a assimetria existente

entre humanos e animais, mas evidencia que o vínculo é construído pela participação de ambos na experiência compartilhada.

A ideia de responsabilidade e proteção, quando transposta à relação com animais de estimação, revela uma tensão produtiva entre a assimetria jurídico-prática do cuidado e a simetria afetiva vivida na convivência cotidiana. Essa tensão pode ser compreendida à luz da animalidade do sujeito discutida por Osswald (2012). Segundo o autor, a corporeidade e a afetividade constituem dimensões originárias da experiência humana, aproximando humanos e animais em um mesmo horizonte de sensibilidade e abertura ao mundo. Assim, o cuidado deixa de ser compreendido apenas como uma ação exercida por um sujeito sobre um objeto, passando a constituir-se como relação entre modos distintos, que compartilham, cada qual à sua maneira, uma experiência de coexistência no mundo-da-vida.

Goto (2008) oferece o correlato metodológico dessa leitura, porque é por meio da redução fenomenológica (*epoché*) que se suspende a atitude natural, a qual tende a compreender o animal como outro de cuidado. Essa suspensão permite descrevê-lo tal como aparece na experiência vivida, isto é, como presença dotada de expressividade e participante da constituição da própria relação de cuidado. Bastos e Borba (2018) já haviam identificado essa tensão ao descrever fenomenologicamente os diferentes modos de vínculo homem-animal em contextos terapêuticos, nos quais o animal não figura como mero instrumento de intervenção, mas como coparticipante ativo da relação de cuidado.

Destarte, Almada e Peres (2026), ao resgatarem a contribuição de Nise da Silveira para as intervenções assistidas por animais no Brasil, e Almeida et al. (2026), em revisão sobre os benefícios da terapia assistida com animais no cuidado à criança hospitalizada, oferecem evidências convergentes de que essa reciprocidade cuidado-afeto produz efeitos concretos e mensuráveis sobre o bem-estar humano. Todavia, para além desses resultados, a análise fenomenológica dirige seu interesse à compreensão de como essa reciprocidade é efetivamente vivida e constituída na experiência cotidiana. Assim, mais do que mensurar seus efeitos, importa descrever os sentidos que emergem da convivência entre humanos e animais, objetivo que orientou a presente investigação.

Por fim, compreende-se que a afinidade entre humanos e animais domésticos não pode ser entendida apenas a partir de explicações biológicas, utilitárias ou mesmo dos benefícios psicológicos decorrentes dessa convivência. Diferentemente, viu-se a partir da compreensão fenomenológica, que é possível reconhecer que essa relação se constitui na própria experiência vivida, onde afetividade, alteridade, cuidado e reciprocidade se entrelaçam continuamente no mundo-da-vida. Nessa perspectiva, o animal deixa de aparecer apenas como objeto de cuidado,

companhia ou intervenção terapêutica para manifestar-se como um “outro” significativo, cuja presença participa da constituição de sentidos, reorganiza hábitos, desperta responsabilidades e transforma a experiência cotidiana daqueles que com ele convivem.

Ainda que a singularidade desse vínculo não reside na eliminação das diferenças entre humano e animal, mas justamente na possibilidade de compartilhar um horizonte comum de convivência, no qual cada um permanece em sua própria condição e, ainda assim, participa da construção de um mundo de significados compartilhados. Desse modo, a perspectiva fenomenológica não buscou determinar se os animais ocupam, objetivamente, o lugar de membros da família ou de sujeitos equivalentes aos seres humanos, mas o seu interesse consistiu em compreender como essa presença é vivida, reconhecida e significada por aqueles que estabelecem tais vínculos. É precisamente esse deslocamento da explicação causal para a descrição da experiência vivida que permitiu compreender a afinidade entre humanos e animais domésticos como um fenômeno psicológico dotado de sentido, reafirmando a contribuição da fenomenologia para a ampliação da compreensão das relações interespecíficas na contemporaneidade.

Considerações finais

A investigação fenomenológica da afinidade entre humanos e animais domésticos revelou que essa relação não pode ser adequadamente compreendida nem pela via do objetivismo naturalista, que reduz o animal a organismo observável, nem pela via da projeção antropomórfica, que dissolve sua alteridade no universo simbólico humano. Ao privilegiar a descrição da experiência vivida, este estudo evidenciou que o vínculo entre humanos e animais se constitui na correlação entre subjetividade e mundo, na qual o animal se manifesta como um outro significativo, dotado de presença, expressividade e capacidade de participar da constituição de sentidos na experiência cotidiana. Ao partir da noção husserliana de vivência e da estrutura intencional da consciência, foi possível compreender que essa relação ultrapassa explicações centradas apenas em aspectos biológicos, comportamentais ou funcionais, revelando-se como uma experiência intersubjetiva marcada pela afetividade, pelo cuidado e pela reciprocidade.

O conceito de mundo-da-vida (*Lebenswelt*) permitiu, por sua vez, compreender a convivência entre humanos e animais domésticos como um horizonte compartilhado de experiências, no qual hábitos, afetos, responsabilidades e formas de reconhecimento são continuamente constituídos na vida cotidiana. Nesse contexto, o vínculo não se estabelece pela eliminação das diferenças entre humano e animal, mas justamente pelo reconhecimento de uma

alteridade que permanece preservada e que torna possível uma convivência autêntica entre espécies. A noção de alteridade significativa e os estudos sobre famílias multiespécies contribuíram para demonstrar que o cuidado dirigido ao animal não se reduz a práticas de proteção ou provisão, mas integra uma experiência relacional caracterizada pela reciprocidade, na qual ambos participam, cada qual à sua maneira, da construção de um mundo comum de convivência.

Diante das análises desenvolvidas, considera-se que o objetivo desta pesquisa foi alcançado ao demonstrar que a afinidade entre humanos e animais domésticos pode ser compreendida, sob a perspectiva fenomenológica, como uma experiência vivida de constituição de sentido e não apenas como um fenômeno explicado por fatores biológicos, sociais ou utilitários. A principal contribuição deste estudo consiste em evidenciar que a fenomenologia ofereceu instrumentos conceituais capazes de descrever essa experiência em sua complexidade, valorizando a dimensão da vivência, da intersubjetividade, da afetividade e da alteridade. Ao mesmo tempo, a pesquisa aponta para a necessidade de ampliar as investigações fenomenológicas sobre as relações interespecíficas, especialmente por meio de estudos empíricos que descrevam diretamente as experiências de pessoas que convivem com animais domésticos, aprofundando a compreensão desse fenômeno no campo da Psicologia.

Por fim, embora o presente estudo tenha se desenvolvido a partir de uma pesquisa teórico-bibliográfica, os resultados obtidos indicam a relevância da realização de investigações fenomenológicas de caráter empírico, voltadas à descrição das experiências vividas por pessoas que convivem com animais domésticos. Estudos dessa natureza poderão aprofundar a compreensão da constituição do vínculo humano-animal em diferentes contextos, contribuindo para o fortalecimento da Psicologia Fenomenológica e para a ampliação do conhecimento acerca das relações interespecíficas na contemporaneidade.

Referências

- Almada, L. F. e Peres, R. S. (2026). O surgimento das Intervenções Assistidas por Animais no Brasil: o que podemos aprender com Nise da Silveira? *Memorandum*. 43. e54005. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2026.54005>
- Almeida, W. F. O. L., Brito, M. de A., Cunha, E. A. de S., Alves, G. de L., Carneiro, C. T., Rocha, R. C., Neto, J. C. G. L. & Bezerra, M. A. R. (2026). Benefícios da Terapia Assistida com Animais no Cuidado à Criança Hospitalizada: Revisão Integrativa. *Nursing Edição Brasileira*, 31(334), 13333–13353. <https://doi.org/10.36489/nursing.2026v31i334p13333-13353>
- Amatuzzi, M. M. Experiência: um termo chave para a Psicologia. (2007). *Memorandum: Memória E História Em Psicologia*, 13, 8-15. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6699>
- Associação Brasileira das Empresas do Setor de Animais de Estimação. (2026, fevereiro). *Balanço Abempet 2025: Com crescimento em queda, 3,45% frente a 2024, setor pet faturará R\$ 77,96 bilhões em 2025* [Comunicado para imprensa]. Abempet. <https://abempet.org.br/informacoes-gerais-do-setor/>
- Barbosa, V. K., & Boff, R. A. (2023). Família multiespécie: a predominância do afeto nas relações entre humanos e não humanos. *Observatório De La Economía Latinoamericana*, 21(5), 2878–2892. <https://doi.org/10.55905/oelv21n5-027>
- Bastos, F. F., & Borba, J. M. P. (2018). A Terapia Assistida Por Animais (TAA) e a Psicologia: um estudo fenomenológico das diferentes modalidades de vínculos homem-animal na terapêutica. *Ambivalências*, 6(11), 242–267. <https://doi.org/10.21665/2318-3888.v6n11p242-267>
- Braga, T. B. M., Goto, T. A., & Monteiro, L. P. C. (2017). Ambiente enquanto fenômeno: ensino de arquitetura na perspectiva fenomenológica. *Revista do NUFEN*, 9(2), 24–41. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000200003
- Chaves, M. (2016). Disputa de guarda de animais de companhia em sede de divórcio e dissolução de união estável: reconhecimento da família multiespécie? *Revista de Direito Unifacs – Debate Virtual*. Salvador, v. 187, 2016. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4066/2788>.
- Diamond, J. (2013). *Armas, germes e aço: Os destinos das sociedades humanas* (S. S. Costa, Trad.). Record.

- Embree, L. (2011). *Análise Reflexiva. Uma primeira introdução na investigação fenomenológica*. Bucharest: ZetaBooks.
- Gaedtke, K. M. (2019). Afeto e cuidado nas relações entre humanos e seus animais de estimação. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, 24(3), 84–99. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2019v24n3p84>
- Gee, N. R., Rodriguez, K. E., & Trammell, J. P. (2021). Dogs Supporting Human Health and Well-Being: A Biopsychosocial Approach. *Frontiers in Veterinary Science*. <https://doi.org/10.3389/fvets.2021.630465>
- Giumelli, R. D., & Santos, M. C. P. (2016). Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 22(1), 49-58. <https://doi.org/10.18065/RAG.2016v22n1.6>
- Gordilho, H. J. S., & Coutinho, A. M. (2017). Direito animal e o fim da sociedade conjugal. *Revista de Direito Econômico e Socioambiental*, 8(2), 257–281. <https://doi.org/10.7213/rev.dir.econ.soc.v8i2.16412>
- Goto, T. A. (2008). *Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. Paulus.
- Haraway, D. (2003). *The companion species manifesto: Dogs, people, and significant otherness*. Prickly Paradigm Press.
- Husserl, E. (2008). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Lima, T. C. S., & Mito, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálisis*, 10(spe), 37–45. <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>
- Mangueira, C. (2021). Resenha do livro "When species meet", de Donna J. Haraway. *TECCOGS: Revista Digital De Tecnologias Cognitivas*, 2(22). <https://doi.org/10.23925/1984-3585.2020i22p203-209>
- Marosan, B. P. (2020). Husserl and The Problem of Animal. *B@belonline*, (6), 23–37. <https://doi.org/10.13134/2531-8624/6-2020/3>
- Melhoramentos. Recuperado em 13 de novembro de 2025, de <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tutor/>
- Meireles, F. da S., & Teixeira, S.M. (2014). As diversas faces da família contemporânea: conceitos e novas configurações. *Informe Econômico*, 16(31), 38-44.
- Michaelis. (2025). *Tutor*. In *Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*.

- Nangino, G. (2025, 8 de outubro). *Os animais de estimação já são parte fundamental da família e da economia brasileira*. Jornal da USP. <https://jornal.usp.br/ciencias/animais-de-estimacao-ja-sao-parte-fundamental-da-familia-e-da-economia-brasileiras/>
- Osswald, A. M (2012). *Sobre la subjetividade animal o de la animalidad del sujeto*. Anuário Filosófico 45/3, 589-614 ISSN: 0066-5215 589
- Salvador, A. D. (1986). *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. Sulina.
- Santos, R. Q. dos, & Ningeliski, A. de O. (2024). Família multiespécie: uma nova forma de ser família. *Academia De Direito*, 6, 933-957. <https://doi.org/10.24302/acaddir.v6.4440>
- Satel, C. I. R. (2025). *Despesas familiares com pets no Brasil: evolução e determinantes*. [Tese de doutorado, USP/Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”] https://teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-05082025-084345/publico/Clecia_Ivania_Rosa_Satel_versao_revisada.pdf
- Tayade, M., & Rawal, J. (2025). *Pet tech market size, trends & forecast 2026–2035*. Global Market Insights. <https://www.gminsights.com/industry-analysis/pet-tech-market>
- Thomas, K. (2010). *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras. (tradução de Nivaldo Monteiro)
- Walsh, F. (2009). Human-Animal Bonds I: *The relational significance of companion animals*. *Family Process*, 48(4).